

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular Class.: 38

Data: 09.03.83 Pg.: 2

Editorial

190

Oportunidades de desenvolvimento

A crise que há algum tempo vem cavando um fosso entre a Funai e os índios Kraôs, localizados no município goiano de Tupiratins, reflete os erros e os equívocos da política que esse órgão vem aplicando no Brasil. Essa política, por um lado, não resultou até agora, na defesa concreta e eficaz dos direitos e interesses dos silvícolas, através da preservação de suas terras, sua base econômica, social e cultural. Por outro lado, porém, a política indigenista aplicada pela Funai caracteriza-se por uma espécie de paternalismo perverso, pois prejudica em vez de beneficiar aqueles a quem deveria tutelar.

Desse modo, é difícil saber o que realmente mais maltrata os índios nessa política, se a omissão que permite o avanço progressivo da fronteira civilizatória sobre as suas reservas, se a malvada proteção que sufoca os indígenas e impede o seu desenvolvimento como seres humanos ou como povos.

O pior, no entanto, é que a Funai nem propicia aos índios condições para a sua afirmação e desenvolvimento nem permite que outras pessoas o façam. No caso específico dos kraôs, para que antropólogos do Centro de Trabalhos Indígenas, de São Paulo, pudessem desenvolver numa sua aldeia um projeto agrícola tiveram que conseguir uma autorização direta do presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal, já que a nível regional a administração do órgão hostilizou abertamente a iniciativa. A ojeriza da direção regional da Funai foi tão veemente que chegou ao ponto de lançar sobre o plano dos antropólogos falsas acusações de que o plantio projetado seria de maconha, o que provocou a eclosão, em janeiro do ano passado, de um conflito envolvendo índios e funcionários.

E assim acontece em todas as aldeias indígenas localizadas em Goiás: quando não estiolam no mais completo abandono, pressionadas pelo avanço da fronteira agropecuária, as reservas não contam com elementos financeiros, técnicos e de assessoramento que lhes permitam desenvolver os seus próprios projetos, fazendo evoluir os indivíduos e a comunidade. Desse modo, os índios carajás da Ilha do Bananal não cuidam do gado da Funai existente em sua reserva, da mesma forma como não participaram de faraônicos projetos agrícolas tentados em suas terras.

A infiltração de estranhos nas aldeias pode ser perniciosa, mas é preciso que a Funai dê aos índios a alternativa de seu apoio e de sua ajuda para o desenvolvimento.